



**EDUCAÇÃO PARA QUÊ?  
EDUCAR PARA O HUMANISMO SOLIDÁRIO COMO  
PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO E DA  
RECONCILIAÇÃO**

**EDUCATION FOR WHAT?  
EDUCATING FOR FRATERNAL HUMANISM AS A  
PROCESS OF RECONSTRUCTION OF DIALOGUE AND  
RECONCILIATION**

Érica Adriana Costa Zanardi  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS

Teodoro Adriano Costa Zanardi  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS

**RESUMO**

Este artigo pretende apontar o Educar para o Humanismo Solidário, em contraposição ao neofascismo crescente na sociedade brasileira. Para tanto, pretende-se, primeiramente contextualizar a situação brasileira, especialmente a escolar, para uma compreensão da ascensão do neofascismo, evidenciando uma situação-limite que demanda um repensar e uma nova práxis educativa. A partir de uma perspectiva freireana, colocamos em marcha um anúncio utópico de uma educação voltada para um processo humanizador, com o Educar para o Humanismo Solidário, que potencialize uma educação comprometida com o diálogo e, também, a reconciliação, para que a educação escolar assuma, explicitamente, seu papel de combate à barbárie. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, com referencial teórico fundado no Pacto Educativo Global, em Paulo Freire e Theodor Adorno.

**Palavras-chave:** Educação. Neofascismo. Educar para o Humanismo Solidário. Paulo Freire. Theodor Adorno.

**ABSTRACT**

This article intends to highlight Educating for Fraternal Humanism in opposition to the growing neo-fascism in Brazilian society. In order to do so, it will firstly contextualize the Brazilian situation, especially in regards to schooling, for an understanding of the rise of neo-fascism;





emphasizing an extreme situation that demands rethinking and a new educational praxis. From a Freirean perspective, it sets in motion a utopian announcement of an education focused on a humanizing process, with Educating for Fraternal Humanism, which potentializes an education committed to dialogue and to reconciliation, so that schooling explicitly assumes its role in combating barbarism. The research has a qualitative approach of a bibliographic nature, with a theoretical framework based on the Global Compact on Education, in Paulo Freire and Theodor Adorno.

**Keywords:** Education. Neofascism. Educating for Fraternal Humanism. Paulo Freire. Theodor Adorno.





## INTRODUÇÃO

Quando pensamos em qualidade da educação emergem os vários indicadores que foram construídos com o objetivo de “quantificar” o que seria uma boa educação e, por consequência, uma educação de baixa qualidade. Cada vez mais temos exames, tais como PISA<sup>1</sup>, ENEM<sup>2</sup>, IDEB<sup>3</sup>, etc., para indicar qualidade e fornecer à sociedade um quadro de referência objetivo e quantificável sobre os fins da educação escolar. Mas a questão primeira, torna-se, em todo esse processo, esquecida: Educação para quê? Qual é o objetivo primeiro do processo educativo? A formação técnica, o mundo do trabalho, o sucesso econômico?

Adorno (2003) nos impõe um enorme desafio ético quando afirma que o primeiro compromisso da educação deve ser que Auschwitz não se repita, ou seja, que devemos evitar a barbárie em primeiro lugar. Aqui precisamos entender que a barbárie significa uma regressão ao primitivismo da violência não justificada, que se manifesta no preconceito, na repressão e na competitividade desenfreada.

No entanto, no contexto da educação brasileira, essa indagação tem se mostrado periférica. A promoção de um processo de humanização comprometido com a defesa de uma vida digna para todos os seres humanos, que a educação deveria empreender, tem se mostrado tímida e pontual. Por isso, resgatamos a questão de Theodor Adorno (2003) sobre a finalidade da educação: Educação para quê?

Ora, no conceito de *Bildung* (formação) de Adorno, temos uma chave para a defesa de uma educação que se alicerce na construção dos direitos humanos e, sendo assim, temos uma ação educativa comprometida com um fim, qual seja, a

---

<sup>1</sup> O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), tradução de *Programme for International Student Assessment*, é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Pisa oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos e avalia três domínios: leitura, matemática e ciências (MEC, 2022).

<sup>2</sup> “O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. (...)”. Em 2009, o exame passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. (...) Os participantes fazem provas de quatro áreas de conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e matemática e suas tecnologias, que ao todo somam 180 questões objetivas. Os participantes também são avaliados por meio de uma redação, que exige o desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo a partir de uma situação-problema (MEC, 2022a).

<sup>3</sup> “O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações” (MEC, 2022b). As avaliações são testes aplicados no quinto e nono anos do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas (MEC, 2022c).





dignidade do ser humano. O ato educativo, especialmente o que se desenvolve nas escolas precisa assumir, inequivocamente, seu papel humanizador sob pena de se articular com as condições para a barbárie.

Necessário reafirmar, portanto, que o compromisso proposto por Adorno é uma importante referência para o enfrentamento do racismo, do fascismo e do nazismo na sociedade brasileira atual. Derivado de antagonismos criados e desenvolvidos secularmente por uma sociedade marcada pela escravidão, chegamos nos estertores da primeira quadra do século XXI com um problema não resolvido que impacta a sociedade e, também, a escola e, por isso, não pode ser olvidado pela educação escolar. São vários os casos de racismo, nazismo e fascismo, inclusive em ambiente escolar, que ficaram mais explícitos após a eleição presidencial de 2022 em que o pleito foi polarizado por um candidato de extrema-direita<sup>4</sup>.

Colacionamos algumas manchetes à título de ilustração:

## **Ataques de ódio em escolas: estudante negro de colégio tradicional de SP denuncia postagens racistas. 'Luto pela justiça. Luto pelo amor', diz**

Assim que saiu o resultado das urnas, Antônio, de 15 anos, foi adicionado a um grupo de alunos que trocava mensagens de ódio e preconceito, com citações nazistas, mas ele reagiu e denunciou os ataques que sofreu na escola.

Por Fantástico  
06/11/2022 23h19 - Atualizado há um mês



Fonte: G1, 2022.

---

<sup>4</sup> O candidato a reeleição derrotado, Jair Bolsonaro, trouxe durante seus quatro anos de mandato (2019-2022) estímulos para o desenvolvimento de um pensamento neofascista com a promoção do ódio às minorias, do machismo e do patriarcalismo exacerbados, do racismo, da perseguição à religiões de matriz afro-brasileira, do apelo ao tradicionalismo e ao armamentismo e da crítica aos direitos humanos.



GRAVE

## Neonazismo avança nas escolas do Brasil: veja casos recentes que sinalizam isso

Casos de invasões a colégios, ataques a tiros e pichações com mensagens de cunho nazista mostram que o extremismo tem crescido entre os jovens do país



Por Pedro Nascimento

Publicado em 29 de novembro de 2022 | 11h19 - Atualizado em 13 de dezembro de 2022 | 19h06



Escola em Contagem amanheceu com as paredes pichadas e com alusões ao nazismo — Foto: Videopress produtora

Fonte: O TEMPO, 2022.

PARA ALÉM DA PUNIÇÃO / NOTÍCIA

## Racismo e fascismo envolvendo escolas de Porto Alegre não podem ser vistos como casos isolados

As instituições privadas precisam repensar estratégias pedagógicas e preventivas para evitar que novos episódios violentos se repitam

08/11/2022 - 19h31min

COMPARTILHE:



Fonte: GZH, 2022.

Ora, se estes alertas não são fortes o bastante para pensarmos nos fins que a educação deve ter, estamos promovendo a barbárie conscientemente. No entanto, entendemos que não se pode ignorar a gravidade do momento e pensar qual é o papel da escola neste contexto.

Em que pese a escola não ser uma “ilha” dentro da sociedade e não poder ser responsabilizada por trazer a solução de todas as mazelas sociais, é necessário reafirmar que ela tem um papel fundamental no tocante a possibilidades de transformação (FREIRE, 2021).

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126)



Nesse sentido, a proposta do presente artigo é refletir a respeito das questões neofascistas a partir do tecnicismo e da indiferença no âmbito escolar que proporcionam as condições para sua emergência no contexto brasileiro. Um Educar para o Humanismo Solidário, como práxis, comporia o contraponto que proporciona a reconciliação entre os sujeitos da escola por meio do diálogo de base freireana.

Para tanto, como forma de denúncia, o artigo apresenta a situação-limite, através de um breve histórico, investigando como a subjetividade neofascista se materializa na sociedade brasileira atual. A cultura de direitos humanos que deveria ser o pensar e o fazer nos currículos e nas metodologias, se esconde por trás de discursos que a distanciam da prática. Este primeiro momento, portanto, envolve a busca pela apresentação do “ovo da serpente” que é gestado na educação escolar.

Em um segundo momento, busca-se articular o “ovo da serpente” com o tecnicismo e a indiferença como ambientes propícios para sua erupção, ou seja, como a escola passa a chocar este ovo, oferecendo o ambiente necessário para sua viabilidade. Nesse sentido, a apresentação de indicadores educacionais e das propostas de competência e competição acabam por construir este ambiente de pouco compromisso com o enfrentamento da barbárie.

Por último, a necessidade, a urgência e a possibilidade de uma outra educação têm no Educar para o Humanismo Solidário, proposto pelo Pacto Educativo Global, um horizonte em que efetivamente tenhamos a educação como instrumento de combate à barbárie. Entretanto, este Educar não é só de combate! É um Educar de diálogo e reconciliação com as relações humanas que humanizam os sujeitos em processo educativo.

Assim, temos um ensaio qualitativo e propositivo, de caráter bibliográfico, que parte de problemas gerais para fazer apontamentos das possibilidades de construção de novas formas de combate ao neofascismo e reconciliação através de uma práxis humanista de fundamento dialógico.

## **1. O ovo da serpente: racismo e desigualdades como marcas da sociedade brasileira**

Ao assumir uma perspectiva crítica acerca da necessidade de compreensão do mundo, temos na *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (2005), que não há





denúncia verdadeira sem o compromisso da transformação, nem este sem a ação correspondente. A denúncia é elemento fundamental, pois nos possibilita visualizar as contradições que envolvem os sujeitos e desencadear as demandas pela sua superação.

Diante disso, é necessário remeter à questão das condições para a barbárie existentes na sociedade brasileira e como as marcas para a erupção do “ovo da serpente”<sup>5</sup> tragicamente se explicitam nas estruturas que caracterizam o processo escolar.

Nosso passado se confunde com o nosso presente na perspectiva do racismo, que continua a ser estrutural e potencializa, no contexto de profunda desigualdade, traços cada vez mais marcantes de fascismo e nazismo que encontram em dispositivos do sistema capitalista, tais como o discurso da meritocracia e a naturalização da miséria.

Como acentua Silvio de Almeida (2019), o Estado brasileiro não é diferente de outros estados capitalistas, posto que trazem o racismo como elemento constituinte da política e da economia, estruturando a formação e a organização do estado. Almeida acentua ainda que o racismo, além de ser uma herança da escravidão, é fruto do capitalismo e de uma racionalidade moderna estruturante da desigualdade racial, não se resolvendo somente na questão de classes.

Nesse sentido, o racismo se encontra naturalizado dentro de nossas estruturas sociais, sendo catalizador para o avanço do fascismo e elemento fundamental para a sustentação de uma ideologia nazista.

Essa triangulação envolvendo o racismo, o nazismo e o fascismo se dá, portanto, a partir de uma relação intrínseca entre eles e uma indissociabilidade que reside no ódio ao *Outro*. O nosso primeiro argumento para essa relação é que não é possível compreender o nazismo sem a compreensão do racismo e suas bases comuns que se apresentam na discussão acerca do sub-humano e da supremacia racial presente como quadro de construção de ambas as ideologias. Falar em nazismo implicaria, necessariamente, falar de racismo.

Na mesma trilha, o fascismo, como ideologia autoritária e de ódio, demanda o racismo como política.

---

<sup>5</sup> “A figura do ovo da serpente de Bergman, (...), sinaliza o risco que vivemos hoje no Brasil, com indícios claros do clima de desagregação social, de produção do ódio às diferenças e de preparação de uma atmosfera de perseguição que, no caso da Alemanha e da Itália, colimou na monstruosidade do nazismo e do fascismo” (FRIGOTTO, 2017, p. 17).





Mascaro indica que Umberto Eco apresenta o seguinte rol característico do fascismo:

(...) culto da tradição; recusa da modernidade; culto da ação pela ação; não aceitação de crítica; **racismo**; apelo às classes médias frustradas; nacionalismo e xenofobia; fantasias de força e fraquezas dos adversários; combate ao pacifismo; desprezo pelos fracos; heroísmo; machismo, homofobia e fixação por questões sexuais; populismo da maioria; “novilíngua” e empobrecimento léxico e sintático (MASCARO, 2019, p. 18).

É valiosa a contribuição de Eco, ao nos proporcionar pensar o fascismo não como uma ideologia restrita à primeira metade do século XX na Europa. Com sua caracterização, o escritor italiano deixa claro a possível identificação do fascismo em outros tempos e lugares.

O *checklist* de Eco possibilita a identificação do fascismo, no entanto, acaba por encobrir suas causas. Ocorre que, para além de elementos caracterizadores do fascismo, suas causas podem ser identificadas num sistema social e racialmente desigual que acabam por impulsionar a necessidade de legitimação do poder totalitário que, manipulando a discussão das desigualdades ao centralizar o ódio pelo *Outro*, estabelece um aprofundamento das desigualdades com base nas diferenças. A legitimidade alcançada por um líder (fascista) é consequência da construção de subjetividades e, por isso, o líder fascista é fruto de um processo muito mais complexo do que pode se imaginar, pois ele se vincula à cooptação da massas populares que se apegam ao discurso de ódio, voltando-se ao campo da moralidade como solução de seus problemas e deixando de lado as questões estruturais e reais que o capitalismo lhes impõe.

Como Eco adverte, “o termo ‘fascismo’ adapta-se a tudo, porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos<sup>6</sup>, e ele continua a ser

---

<sup>6</sup> No caso brasileiro, não há o que tirar nem por no que toca às características acima arroladas por Eco quando falamos do advento do “bolsonarismo”, ocasião em que emergiram explicitamente todas elas simultaneamente. Carlos Eduardo Martins explica que “o caso paradigmático de ascensão do fascismo na América Latina é o Brasil. O golpe de 2016, a prisão e cassação dos direitos políticos de Lula, articulados sob hegemonia da direita liberal, precisaram se apoiar em uma base de massas radical que alavancou a ofensiva fascista. As eleições de 2018 indicaram o fracasso das candidaturas liberais e sufragaram Jair Bolsonaro em um processo eleitoral atípico. Bolsonaro apoiou-se numa burguesia emergente que passou a deslocar o protagonismo da burguesia tradicional mais internacionalizada que dirigiu a Nova República. Essa burguesia emergente constitui-se por grandes empresas religiosas neopentecostais, que passaram a desafiar a igreja católica; pela mídia oficialista, que passou a disputar o protagonismo com a Rede Globo; pelo agronegócio, que voltou a expandir as taxas de destruição ecológica; por segmentos do comércio varejista, farmacológico e de armas. Trata-se de um empresariado que barganhou ativismo político militante em troca de favores e apoio estatal. O discurso de Bolsonaro apontou o comunismo e as esquerdas como os inimigos a serem banidos, associando-os à corrupção estatista, que deveria ser enfrentada com o ultraneoliberalismo. O neoliberalismo, todavia, está em declínio global e não proporciona resultados favoráveis em termos de crescimento econômico, emprego e redução da desigualdade para a América Latina, agravando os seus resultados negativos quando perde seus suportes econômicos, como a expansão





conhecido como fascista” (ECO, 2019, p. 42/43). Já o nazismo estaria reduzido a um evento pontual e situado no interior da Europa contra os próprios europeus (judeus, ciganos, comunistas, etc). Essa perspectiva se revela eurocêntrica e se efetiva pela “ignorância” dos instrumentos de exploração seculares empreendidos pela Europa em face da América, África, Ásia e Oceania. Invisibiliza-se o imperialismo, o genocídio, a escravidão, o tráfico de pessoas, os campos de extermínio e o discurso supremacista para manutenção de um mundo fundado na colonialidade. Simplifica-se o nazismo retirando dele seu caráter fundante – o racismo – para que não se explicita como o *modus operandi* da exploração que proporcionou à Europa a hegemonia no plano mundial.

Partimos da premissa, assim, que uma sociedade racista tende ao nazi-fascismo por ser o racismo fundante do nazismo e elemento catalizador do fascismo quando alcança as subjetividades das massas populares com os elementos explicitados por Umberto Eco, somados às condições do capitalismo (desigualdade, naturalização da miséria e meritocracia).

No caso brasileiro, o processo de escravidão deixou marcar visíveis em uma sociedade em que ainda vige uma ideologia autoritária, a qual enxerga nas diferenças as justificativas para as desigualdades. Mantém-se as condições para que se fertilize o “ovo da serpente” com o não enfrentamento das estruturas racistas que, na quadra atual, se articulam com a efetivação de um governo que carregou todas as características fascistas apresentadas por Umberto Eco.

## **2. O “ovo da serpente”: o “verde-amarelismo” e a educação**

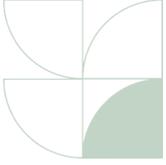
Como Adorno (2003), compreendemos que a barbárie continuará existindo enquanto persistirem as mesmas condições que levaram a Alemanha à efetivação do nazismo. São estas condições que merecem ser desveladas para que o “ovo da serpente” não encontre o ambiente adequado para sua eclosão.

Uma das instituições fundamentais para a criação do ambiente favorável ao desenvolvimento do fascismo ou ao seu combate é a escola. A educação tem um papel estratégico no processo de construção de valores e comportamentos

---

do comércio internacional e dos fluxos internacionais de capital com a desaceleração da economia mundial e possível ingresso em uma fase B, recessiva do ciclo de Kondratieff. Tal contradição limita a capacidade de o fascismo expandir sua base de massas, dependendo para isso de um apelo eminentemente negativo, de ataque ao inimigo, para mobilizá-la, face a sua incapacidade de apresentar resultados econômicos e políticos satisfatórios” (2022, p. 21/22)





sociais e esses valores podem ser comprometidos com os direitos humanos, constitutivos da dignidade humana, ou com a desumanização do diferente, criando as condições para a barbárie.

Por isso, alguns elementos que se fazem importantes para a compreensão do fascismo merecem desvelamento e denúncia, sendo um deles a supervalorização do nacionalismo. Ora, esta é uma marca essencial da ideologia fascista que forja identidade excluindo a dissidência e a diferença. A construção de uma identidade nacional, por meio de uma simbologia e de um passado heroico, é necessária para a defesa de um autoritarismo que oponha o “nós” a “eles”; os “cidadãos de bem” aos “outros”.

A ideologia da identidade nacional no caso brasileiro é, de acordo com Marilena Chauí (2019), desenvolvida por um projeto que coisifica o negro e enxerga a escravidão como um ato de benevolência do “bom” branco. A cicatriz do racismo, outro elemento constituinte do fascismo, é encoberta por uma narrativa fundada na suposta voluntariedade da mestiçagem como forma de resgate da inferioridade negra em prol de um embranquecimento que proporcionaria a construção de uma nação de trabalhadores(as) civilizados.

Em prol de uma identidade nacional, a nação e seus símbolos se colocariam acima de eventuais lutas de classes, das desigualdades, do racismo e da própria miséria a que é submetida uma enorme parcela da população.

Podemos identificar, novamente com Chauí (2019), que o apelo de uma identidade nacional desliza para uma consciência nacional que tem no “verde-amarelismo”<sup>7</sup> o acento de uma sociedade que não se encontra com o seu passado e usa símbolos nacionais para encobrir o racismo e produzir discursos supremacistas.

Aprendemos também que nossa história foi escrita sem derramamento de sangue, com exceção de nosso Mártir da Independência, Tiradentes; que a grandeza do território foi um feito da bravura heróica do Bandeirante, da nobreza de caráter moral do Pacificador, Caxias, e da agudeza fina do Barão do Rio Branco; e que, forçados pelos inimigos a entrar em guerras, jamais

---

<sup>7</sup> Para Chauí (2019), o verde-amarelismo opera como compensação imaginária para a condição periférica e subordinada do país, sendo que, anteriormente, correspondia à autoimagem celebrativa dos dominantes. No entanto, na quadra atual, o verde-amarelismo se firma com o uso reiterado da camisa amarela da seleção brasileira de futebol em manifestações e atos terroristas, passando a ser a expressão de um neofascismo verde-amarelo tal qual os camisas negras da Itália de Mussolini e os camisas verdes da Ação Integralista Brasileira.

Para saber mais sobre manifestações e atos terroristas ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/12/5061410-com-dispositivo-remoto-homem-planejou-explosao-sob-caminhao-com-querosene.html>; <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/13/bolsonaristas-queimaram-7-carros-e-4-onibus-e-depredaram-delegacia-em-ato-em-brasilia-dizem-bombeiros.ghtml>; <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5051711-uso-politico-da-camisa-da-selecao-faz-torcedor-buscar-outras-cores.html>.





passamos por derrotas militares. Somos um povo que atende ao chamamento do país e que diz ao Brasil: “Mas se ergues da justiça a clava forte/ Verás que um filho teu não foge à luta/ Nem teme quem te adora a própria morte”. Não tememos a guerra, mas desejamos a paz. Em suma, somos um povo bom, pacífico e ordeiro, convencido de que “não existe pecado abaixo do Equador”. (CHAUÍ, 2019, p. 148/149).

É possível, assim, perceber a insistência em se desenvolver na escola um espaço-tempo com conhecimentos vinculados à consolidação de uma identidade descontextualizada da realidade desigual e excludente que assola milhões de brasileiros(as). Uma educação que se volta para um romantismo conservador, reacionário e descontextualizado quando busca construir uma história de “Ordem e Progresso” como consignado em nossa bandeira. Sendo assim, estamos diante de um projeto que cria as condições necessárias para que o “ovo da serpente” seja fértil e produza as consequências fascistas inerentes a este projeto.

Essa mesma escola é objeto de intensas disputas sobre o que se ensinar e o que não se ensinar na quadra atual em que é debatida a necessidade de conhecimento das questões de classe, dos indígenas e afro-brasileiros, da sexualidade e de gênero, desde sempre invisibilizadas pelos currículos escolares.

Sob uma perspectiva verde-amarelista, busca-se a manutenção do *status quo* com o privilégio da técnica desprovida de uma finalidade humanística e a introdução de uma ideologia das competências que passa a impregnar a educação escolar como “pedagogia das competências”.

Novamente, de acordo com Chauí, “a ideologia da competência realiza a dominação pelo descomunal prestígio e poder do conhecimento científico-tecnológico, ou seja, pelo prestígio e poder das ideias científicas e tecnológicas” (2016, p. 57).

O processo de prestígio e poder se transmuta em uma pedagogia meritocrática que adere ao fazer sem perquirir as finalidades sociais, ou melhor, suas causas e consequências em uma sociedade desigual. Vinculadas ao paradigma meritocrático são embutidas as competências, com seu caráter adaptativo, sob o signo de uma suposta neutralidade.

Por outro lado, indispensável ao paradigma meritocrático, à ideologia e à pedagogia das competências uma frieza em relação ao outro no ambiente escolar. A frieza ou indiferença é necessária para a aceitação da existência de uma pequena parcela da população que desfruta de uma vida luxuosa em detrimento da marginalização de grandes parcelas da população, que não podem ver satisfeitas suas necessidades elementares. (GRUSCHKA, 2014). Nesse sentido, a



frieza se articula com a própria ordem burguesa que estimula, defende e legitima a busca do interesse próprio à custa do interesse geral.

A educação burguesa se funda no desenvolvimento da frieza que vai cada vez mais privilegiando e prestigiando a aquisição individual de conhecimentos científico-tecnológicos que possibilitam a adaptação a um sistema desigual. Para tanto, não basta premiar os considerados “melhores” e justificar a inferioridade. É preciso ir além, com a construção de uma subjetividade fria em que as relações humanas sejam instrumentalizadas.

A descartabilidade do ser humano se justifica na criação do ambiente do todos contra todos que se torna palatável na “inevitabilidade” da competição e na meritocracia que justificam a vida digna de poucos e a dificuldade de dignidade de muitos. O mundo onde não cabe todo mundo ganha nesses princípios – competição/meritocracia – as bases para a tragédia humanitária vivida por grande parte da população mundial, de um lado, e a indiferença de significativa parte da população de outro. Esta perspectiva corrobora a intolerância, as desigualdades sociais e econômicas. Torna-se o mundo estático como se não houvesse alternativas e outras possibilidades (ZANARDI, 2021, p. 39).

O preço para o “sucesso”, no contexto liberal-burguês, não é só o acúmulo individual e desenfreado de bens com a dominação da natureza e a submissão de seres humanos. É a aceitação da descartabilidade do ser humano. Este preço é pago com a indiferença com o destino da natureza, do próximo e da própria humanidade que passam a ser meio, fornecendo as condições para a barbárie:

A sociedade burguesa não se baseia em cooperação consciente para a existência e felicidade de seus membros. Sua lei para a vida é outra. Cada indivíduo acha que trabalha para si próprio, que deve se preocupar com o seu próprio sustento. Não existe nenhum plano que estabelece como a necessidade geral deve ser satisfeita. Na medida em que cada um procura colocar à disposição certas coisas para adquirir outras coisas das quais necessita, a produção é regulada de modo a ainda possibilitar que a sociedade se desenvolva na forma dada. Quanto mais no decorrer dos séculos, uma regulação melhor e mais racional se deslocar tecnicamente para o campo da possibilidade, tanto mais bruto e complicado se apresenta o mercado, este instrumento “refinado” que, somente sob os prejuízos mais pesados de vidas humanas e bens, facilita a reprodução da sociedade e, com o progredir da economia capitalista, apesar da riqueza crescente da humanidade, essa regulação não consegue prevenir a sociedade de uma recaída para a barbárie. Já destes fatos resulta a indiferença como categoria antropológica. Eles ocorrem na época da emancipação do indivíduo quando, na esfera econômica fundamental, ele se apercebe como um sujeito isolado dos interesses e apenas entra em contato com outros através de compra e venda (HORKHEIMER *apud* GRUSCHKA, 2014, p. 43).

Ao se fundar na rejeição da solidariedade como princípio pedagógico e da humanização como princípio educativo, o sistema escolar fornece condições para que as manchetes colacionadas não sejam episódicas, mas consequências de um ninho que acaba por “chocar o ovo da serpente”.





A nomeação do fenômeno e seu desvelamento são fundamentais para sua superação, pois se trata de uma situação-limite. Mesmo que tal situação se apresente, nos termos de Paulo Freire (2005), contraditória e fatal, como se os sujeitos não pudessem superá-la. É a aceitação do dado.

O capitalismo, o racismo, o fascismo e o nazismo podem e devem ser superados com a ajuda da educação escolar, pois são situações históricas, e não dadas, que precisam ser decodificadas e denunciadas para que sejam superadas por um inédito-viável.

### **3. Inédito-viável: Educar para o Humanismo Solidário, diálogo e reconciliação**

Paulo Freire (1921-1997), na esteira de uma tradição crítica, nos provoca a pensar numa educação problematizadora e humanista na busca da superação da situação-limite através do inédito-viável. Podemos afirmar que o inédito-viável é a ultrapassagem do limite entre o ser determinado e o ser mais, através de uma práxis libertadora articulada com o diálogo, pois o processo de humanização se faz solitária e individualmente, mas sempre em comunhão.

Este é o pressuposto do anúncio que tem no Educar para o Humanismo Solidário importantes elementos para uma educação que seja, simultaneamente, contra a barbárie produzida pelo capitalismo e pelo fascismo e a favor da reconciliação entre os seres humanos, uma vez que fundado no diálogo e na solidariedade.

Na Encíclica *Laudato sí*, o Papa Francisco (2015) traz uma situação-limite para toda a humanidade que é questão ambiental, acentuado suas relações intrínsecas com os problemas sociais e econômicos que atravessamos.

No contexto de invocação para um novo pensar e agir emerge o Pacto Educativo Global como forma de “difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado” (FRANCISCO, 2015).

Em mensagem pelo Pacto Educativo Global, o Papa Francisco explica que

L'educazione, quindi, si propone come il naturale antidoto alla cultura individualistica, che a volte degenera in vero e proprio culto dell'io e nell' primato dell'indifferenza. Il nostro futuro non può essere la divisione,





l'impovertimento dele facultà di pensiero e d'imaginazione, di ascolto, do diálogo e di mutua comprensione. Il nostro futuro non può essere questo<sup>8</sup> (2021, p. 15).

Percebe-se que estão colocados em xeque os fundamentos do capitalismo com suas condições para a produção da barbárie e, lado outro, a busca do inédito-viável que é a superação de uma cultura consumista e individualista que abandona as relações humanas.

O Papa Francisco (2019) nos alerta que “nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna”.

Por isso, o novo humanismo desponta como um imperativo às demandas por uma educação que privilegie as relações humanas e a dignidade da pessoa humana como forma de superar a coisificação do ser humano. A educação pode ser importante aliada em projetos de criação e recriação de subjetividades e sociabilidades engajadas na utopia humanista que traz a centralidade das relações humanas restauradora do compromisso com a dignidade humana.

Diante da encruzilhada na qual nos encontramos, com a lógica do mercado, o anti-humanismo, a precarização do trabalho, etc., a educação não pode ser o espaço-tempo que naturalize o individualismo, o ódio ao *Outro* e a destruição da natureza e da humanidade. Ela deve promover, por meio do diálogo, o desvelamento dessas situações-limites para que a barbárie seja afastada, sendo fundamental buscar outra educação fundada no amor, no diálogo e na solidariedade.

Em *Educação na cidade*, Freire (1991) alerta que “mudar é difícil, mas é possível e urgente”. Com Freire e Francisco, concordamos que o momento demanda uma união de esforços para a transformação substantiva da realidade excludente; e que a mudança é possível e urge. A partir de Alves e Guimarães,

Ousamos com Francisco ter a esperança de que a morte não tenha tido a palavra final: é possível restaurar nossa casa comum; estabelecer relações mais igualitárias e equitativas; estender a todos, mulheres e homens em sua diversidade, o respeito ao Estado de direitos (ALVES; GUIMARÃES, 2022, p. 11).

---

<sup>8</sup> Tradução livre: A educação, portanto, é proposta como o antídoto natural contra a cultura individualista, que, às vezes, degenera em um verdadeiro culto de si e no primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades do pensamento e da imaginação, da escuta, do diálogo e da compreensão recíproca. Nosso futuro não pode ser isso.





Essa é a busca de uma práxis que, explicitamente, rejeita o fatalismo em prol da ação educativa transformadora que conjuga a amorosidade do ato de educar com a necessária dialogicidade deste ato.

É o amor que cria os vínculos e amplia a nossa existência, arranca a pessoa de si mesma para o outro. O amor nos faz sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser (FRANCISCO, 2019).

Ao buscar no Educar para o Humanismo Solidário a fonte que nos proporciona o antídoto ao fascismo crescente na sociedade brasileira, temos que a reconciliação é um dos principais objetivos. Reconciliar os sujeitos radicados em ideologias excludentes precisa ser compromisso da educação que se pretende humanizadora e humanista.

Nesse sentido, em primeiro lugar, o diálogo proporciona o encontro reconciliador no qual todos e todas podem dizer a Palavra e apresentar sua leitura de mundo, pois a Palavra é testemunho e é a potência transformadora (FREIRE, 2005). De acordo com Freire (2005), a nossa existência não pode ser muda, mas não pode se nutrir de falsas palavras. Assim, a Palavra é que revela a nossa ação quando autêntica.

Como ato de criação, a Palavra autêntica deve ser a busca criadora de um ambiente dialógico e humanizador para que as diferentes leituras de mundo sejam possibilitadas como direito de todas e todos que se encontram em processo de educar e serem educados(as).

No entanto, não há ingenuidade e nem pressuposição de que todos(as) participantes do diálogo se encontram na defesa da humanização. Este é o pressuposto do papel educativo. Em uma sociedade que presencia o crescimento do fascismo seria profundamente equivocado pensar que o ponto de partida seja a defesa da humanidade, mas este deve ser a busca permanente do processo educativo.

Assim, a leitura do mundo é fundamental para compreendermos as contradições de uma cultura que legitima a violência. Problematizar suas razões, buscando as raízes dos processos desumanizantes, deve ser um dos compromissos de uma educação humanista.

A reconciliação entre os sujeitos, portanto, passa inevitavelmente pelo diálogo, pela escuta e pela pronúncia da Palavra. Assim, se constitui a abertura ao *Outro*, como assevera a Irmã Auclécia Maria Conceição, no Dicionário do pacto educativo global:





Abertura ao outro é a atitude e/ou disposição que torna possível reconhecer o outro. Abertura remete às mudanças, à ousadia e aos desafios. Abertura ao outro, sobretudo no contexto educacional, talvez seja a fresta pela qual o futuro entra no mundo. O futuro sonhado, mas não apenas sonhado, como também querido e traçado pelo Cristo em Seu evangelho, pela Igreja, que vê na Educação o terreno fértil ou o palco onde se reconhece a dignidade humana, no ritmo da igualdade para desconstruir a globalização da indiferença. A abertura ao outro pressupõe o reconhecimento de si mesmo como um ser de relações. Só aquele que compreende a dimensão relacional da existência é capaz de acolher o outro em sua completude, dar-lhe espaço para ser quem é, manifestar suas crenças, suas ideias, seus princípios, sem ser coagido, reprimido.

Abertura é a mola mestra da Educação, conseqüentemente da transformação. “Se na educação habita a semente da esperança” (Papa Francisco), o anseio é que a pessoa e a escola sejam, não apenas habitadas pela esperança, elas mesmas a esperança. Esperança que o coração da Educação deseja educar na perspectiva do afeto. Foi assim que Cristo educou os seus, sempre revelando, por meio de gestos e palavras, o lado mais terno de Deus Pai. Abertura ao outro é o que permite aproximação com o estranho, o diálogo entre as culturas, religiões e gerações. Não há encontro sem abertura ao outro. Se podemos plantar a esperança no solo fecundo do ambiente escolar, estaremos acolhendo e amando o outro em sua singularidade e vivendo experiências fraternas autênticas (2021, p. 24).

Outrossim, a reconciliação e o diálogo se fazem entre os sujeitos e destes com o passado, o presente e o futuro.

Com o passado, temos o encontro com as raízes das questões que fornecem as condições para a eclosão do “ovo da serpente”, tais como o racismo, o colonialismo, o machismo, as desigualdades, etc. que foram construídas como projeto de sociedade. A reconciliação passa necessariamente pela escuta de um passado que deve ter a sua pronúncia para que haja compreensão dos processos de desumanização. Da mesma forma, o passado deve trazer, também, a visão de um mundo que é possibilidade e inconclusão, a partir de sua historicidade e da percepção de que somos seres históricos e em processo de transformação.

A reconciliação com o presente se apresenta com as leituras de mundo, compreendendo um passado de lutas, derrotas e vitórias do processo de humanização, mas que demanda mais diante das estruturas opressoras que vislumbramos.

Passado e presente nos humanizam quando investimos na vocação ontológica dos seres humanos que reside no *ser mais*, que se relaciona intrinsecamente com a vocação epistemológica que busca o *saber mais*, como ensina Paulo Freire (2005).

Este *ser mais* e *saber mais* demandam um pacto, um compromisso que vá além do individualismo e, dessa forma, o Educar para o Humanismo Solidário se





coloca como referência para um futuro que seja construído, no presente, sob bases solidárias, pois elas humanizam o *Outro* nos humanizando.

Humanizar significa constituir a identidade humana, criar a própria natureza do ser humano. A Humanização é o processo ontológico-social de fazer-se pessoa humana, e envolve duas dimensões: a primeira voltada para si, o ser humano se constitui como tal, caminho que se define como “hominização”; e a segunda dinâmica consiste em projetar no mundo as características humanas, definindo propriamente a ação de “humanizar” a sociedade. Esse processo histórico e cultural deve repassar, a cada geração, os valores que contribuem no respeito as singularidades sociais para uma sociedade mais justa e fraterna (FREITAS; NUNES, 2021, p.99).

A solidariedade, pressuposto para a humanização, precisa ser entendida em seu sentido mais profundo, que é uma forma de fazer história em comunhão. O ato de educar solidário e humanista se reveste da convivência, da partilha e da promoção da dignidade de todos e todas. A solidariedade fixa sempre o rosto do *Outro* e sente a sua proximidade. Por isso, Educar para o Humanismo Solidário é, obrigatoriamente, educar contra a barbárie, é educar contra o fascismo e, também, educar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As percepções sobre o fascismo crescente na sociedade brasileira são controversas. No entanto, são evidentes as condições para a sua emergência quando os sinais de supervalorização do nacionalismo, o racismo estrutural, o discurso de ódio, as desigualdades sociais, as frustrações das classes médias com as sucessivas crises do capitalismo, o armamentismo e o “mito” elevado à liderança, dentre outros elementos que indicamos ao longo deste artigo.

A educação escolar tem uma potência que amplifica projetos metabólicos a serem desenvolvidos pela sociedade. Um olhar cuidadoso e atento percebe que a ênfase em indicadores muito pouco diz sobre o processo de humanização que deveria ser seu fundamento. Entretanto, pode dizer muito para que seja chocado o “ovo da serpente” com a competição, o desprezo à diferença e a aceitação da miséria humana.

Diante disso, o compromisso com uma educação antifascista deve ser o compromisso primeiro de todos(as) educadores(as) para que a barbárie, que já está entre nós, não se aprofunde e possa ser superada.





Nesse contexto, a Pedagogia de Paulo Freire mantém sua atualidade reforçada pelo Pacto Educativo Global, que traz importantes e renovados elementos para uma Educação Libertadora, problematizando os caminhos que a humanidade está tomando e indicando um Educar para o Humanismo Solidário como anúncio de um práxis construtora de um mundo onde caibam todos, os iguais e os diferentes.

## Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Claudinei Francisco; GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol. Apresentação. In: GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol et al. (orgs.) **O novo Humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Manifestações do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

CONCEIÇÃO, Auclecia Maria. Abertura ao outro. In: CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera; PAULA, Jorge Luiz de; CHESINI, Cláudia (orgs.). **Dicionário do pacto educativo global**. Curitiba: ANEC, 2021.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: 2019.

FRANCISCO. **Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global**. Vaticano, 2019. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html)> Acesso em 15 set. 2022.

FRANCISCO. Videomessaggio per il Global Compact on Education. In: ZANI, Angelo Vincenzo. **Educazione tra crisi e speranza: Global Compact on Education – linee guida**. Libreria editrice Vaticana: Vaticano, 2021.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.





FREITAS, NUNES. Humanizar. In: CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera; PAULA, Jorge Luiz de; CHESINI, Cláudia (orgs.). **Dicionário do pacto educativo global**. Curitiba: ANEC, 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

**G1. Ataques de ódio em escolas: estudante negro de colégio tradicional de SP denuncia postagens racistas. 'Luto pela justiça. Luto pelo amor', diz.** Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/11/06/ataques-de-odio-em-escolas-estudante-negro-de-colegio-tradicional-de-sp-denuncia-postagens-racistas-luto-pela-justica-luto-pelo-amor-diz.ghtml>> Acesso em 05 dez. 2022.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação**: a frieza como mal-estar moral. Campinas: Autores Associados, 2014.

**GZH. Racismo e fascismo envolvendo escolas de Porto Alegre não podem ser vistos como casos isolados.** Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jeferson-tenorio/noticia/2022/11/racismo-e-fascismo-envolvendo-escolas-de-porto-alegre-nao-podem-ser-vistos-como-casos-isolados-cla8okd5foocs0170ggy97nzl.html>> Acesso em 05 dez. 2022.

MARTINS, Carlos Eduardo. O ressurgimento do fascismo no mundo contemporâneo: história, conceito e perspectiva. **Intellèctus**. Ano XXI, n.2, 2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/71657/44534>. Acesso em 30 dez. 2022.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MEC. **PISA**. Disponível em < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa> > Acesso em 01 dez. 2022.

MEC. **ENEM**. Disponível em < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem> > Acesso em 01 dez. 2022a.

MEC. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**. Disponível em < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb> > Acesso em 01 dez. 2022b.

MEC. **Prova Brasil**. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil> > Acesso em 01 dez. 2022C.

O TEMPO. **Neonazismo avança nas escolas do Brasil: veja casos recentes que sinalizam isso**. Disponível em < <https://www.otempo.com.br/cidades/neonazismo-avanca-nas-escolas-do-brasil-veja-casos-recentes-que-sinalizam-isso-1.2774067> > Acesso em 01 dez. 2022.



ZANI, Angelo Vincenzo (org.) **Educazione tra crisi e speranza**: global compact on education - linee guida. Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2021

ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. Freire e o Educar para o Humanismo Solidário. In: RIVAS, Eugênio; TAVARES, Sinvaldo Silva. (Org.). **Educação: distopia e veredas**. Homenagem a Johan Konings por ocasião de seus 80 anos. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

---

### **SOBRE OS AUTORES:**

**Érica Adriana Costa Zanardi**: Doutora e Mestre em Direito Público pela PUC Minas. Graduada em Direito pela PUC Minas. Professora da Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0911-8449> E-mail: [zanardieac@gmail.com](mailto:zanardieac@gmail.com)

**Teodoro Adriano Costa Zanardi**: Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Líder do Grupo de Pesquisa: Currículo crítico, educação transformadora: políticas e práticas. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4742-9288> E-mail: [zanardi@pucminas.br](mailto:zanardi@pucminas.br)

### **Tramitação:**

*Recebido em: 15/12/2022*

*Aprovado em: 30/12/2022*

